



**XV CONGRESSO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DE
VOLTA REDONDA 2023**
A EDUCAÇÃO FÍSICA NO PÓS-PANDEMIA



A pressão estética da sociedade moderna sobre os corpos femininos e a insatisfação quanto a sua imagem corporal dentro das mídias sociais

Dalva Arlinda Ferreira Grees¹; 0009-0003-8356-7511

Sofhia Cristina Alcântara de Paula¹; 0009-0001-9254-4050

Cassio Martins¹; 0000-0003-1851-9268

Marcelo Paraiso Alves ¹; 0000-0002-6236-3224

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.

marcelo.alves@foa.org.br (contato principal)

RESUMO

O presente trabalho visa discutir a influência das redes sociais no estabelecimento de um padrão corporal feminino. A referida proposição considera o poder exercido pela mídia e pelas redes sociais sobre o corpo da mulher na sociedade contemporânea. A pesquisa se constitui por meio da revisão narrativa e é conduzida por artigos que dialogam com a percepção dos autores sobre o assunto em questão. Posteriormente à análise dos dados, foi possível perceber que as redes sociais impactam significativamente na maneira como o público feminino percebe sua imagem corporal. Outra evidência que emergiu nos dados revela que o público feminino permanece um tempo significativo no ambiente virtual, o que as leva a estabelecer comparações injustas com elas mesmas.

Palavras-chave: Corpo padrão. Corpo da mulher. Mídia. Redes sociais. Padrão estético.



INTRODUÇÃO

A sociedade atual é marcada pela influência significativa da tecnologia, impactando as relações sociais de diversas formas: a automação industrial e residencial, o modo como nos relacionamos com os estabelecimentos bancários e de serviços, dentre outros.

Do mesmo modo, a contemporaneidade afeta a relação das pessoas com os seus corpos, visto que, se em décadas passadas era necessário a compra de revistas para acessar os corpos de modelos, na atualidade os aplicativos e as redes sociais bombardeiam incessantemente o público feminino com imagens de corpos perfeitos.

A esse respeito, Moreira (2020, p. 145) considera que o cenário atual colocou o corpo em evidência “transformando-o em um ideal a ser alcançado, um sonho a ser materializado por uma silhueta milimetricamente modelada”.

Nesta linha de pensamento, o presente estudo tem como centralidade a discussão das questões relacionadas à pressão estética sobre o corpo feminino na sociedade atual e ao impacto sobre a percepção feminina de sua imagem corporal. Desse modo, cabe questionar: até que ponto as redes sociais promovem nos corpos femininos uma condição de submissão aos padrões de beleza da sociedade atual?

Partindo do questionamento apresentado, o objetivo do trabalho é discutir a influência das redes sociais no estabelecimento de um padrão corporal feminino. A justificativa para a elaboração deste trabalho está no fato de ampliar o debate acerca da ditadura da beleza que opera excluindo corpos femininos na sociedade contemporânea.

Diante do exposto, gostaríamos de evidenciar que a intenção deste estudo não é desestimular o uso das redes sociais, muito menos a prática de exercícios físicos ou de procedimentos estéticos. Porém, debater a forma como a mulher percebe sua imagem corporal na sociedade atual e o seu posicionamento político diante da imposição de um corpo magro, sexy e torneado.



METODOLOGIA

O presente trabalho foi constituído a partir da revisão narrativa da literatura, pois tal proposição permite a aquisição e atualização do conhecimento sobre uma temática específica (RODRIGUES; ALVAREZ DE TOLEDO, 2017).

Para Rother (2007), os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o 'estado da arte' de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual.

Nessa direção, Cordeiro (2007) considera que revisão narrativa, ao ser comparada à revisão sistemática, é caracterizada por obter uma perspectiva mais aberta, pois com raras exceções parte de uma questão específica, portanto não realiza um protocolo rígido em sua confecção.

A esse respeito, Costa *et al.* (2015) salientam que o processo de produção do material não é sistemática, permitindo aos autores compor os dados com maior flexibilização o que não retira a rigorosidade da leitura e de posterior análise crítica.

Assim, conforme mencionado, uma característica marcante nessa metodologia emerge da busca das fontes, visto não ser predeterminada e específica. Em outras palavras, pode ser realizada de modo arbitrário, porque permite ao pesquisador selecionar os artigos e as obras a partir da percepção subjetiva de quem produz a pesquisa (CORDEIRO, 2007).

BREVE HISTÓRICO SOBRE O CORPO

Sabemos que a compressão do corpo, ao longo da história em cada sociedade e cultura, deu-se de modo diferente para o homem e para a mulher desde a Grécia Antiga. Mulheres eram excluídas juntamente com os escravos da sociedade (FREITAS, 1999), visto que apenas os homens donos de terra eram considerados cidadãos. A impossibilidade de participação das mulheres nos Jogos Olímpicos na Antiguidade (RÚBIO, 2010) é um reflexo desse processo de exclusão.

Outrossim, Freitas (1999) salienta que o cristianismo ao conceber o corpo, a partir do dualismo corpo e alma, condena a mulher à marca do pecado original, sendo esta legitimada



como um símbolo de sexualidade. Tal consideração se deve pelo entendimento de que é no corpo que ocorre o embate entre o bem e o mal, pois o corpo deveria ser a morada da alma cujo objetivo seria purgar no corpo para ascender a Deus.

A esse respeito, Foucault (1994), ao discutir a *História da sexualidade*, chama-nos a atenção para a passagem da Antiguidade ao cristianismo. O autor ressalta que, da “Antiguidade ao cristianismo, passa-se de uma moral que era essencialmente procura de uma ética pessoal a uma moral como obediência a um sistema de regras” (FOUCAULT, 1994, p. 1551).

O que Foucault (1994) menciona é que na Antiguidade não havia a intenção de sujeitar o indivíduo, no sentido de tornar os corpos dóceis, conforme o período moderno, e/ou propiciar a renúncia de si conforme o período do cristianismo, pois a igreja exigia que as pessoas estivessem subjugadas às leis, aos códigos e às normas.

Com o advento do renascimento (a partir do século XV) e conseqüentemente na modernidade, outro processo dicotômico se instaura na representação de corpo: corpo e mente. Para Freitas (1999), a partir do século XVII, surgem novas tecnologias de produção que impõe aos indivíduos uma padronização de gestos e hábitos, uma possível educação do corpo: a revolução industrial e o capitalismo. Para se ter um corpo produtor, era preciso ter saúde e se adaptar aos padrões de beleza para melhor consumir.

No final do século XIX, parece-nos que há uma transformação social que impacta nossa percepção sobre o corpo (FREITAS, 1999). Para Freitas (1999, p. 45), a “obsessão do século XIX pela privacidade começou com a pequena burguesia. Se a rua era o local em que o homem cuidava de seus negócios e organizava sua vida pública, o lar era o local do seu repouso”.

Nesta lógica de pensamento, o homem se responsabilizava por ser a figura pública, enquanto a mulher, de modo introspectivo, cuidava da harmonia da casa. Para Freitas (1999), passávamos, no final do século XIX e através do século XX, do público para o privado.



Do mesmo modo, Sennett (1988) nos remete perceber o declínio do espaço público. O autor ressalta que, a partir do século XVII, a oposição entre o público e o privado já se aproximava do uso atual. Para o autor, o “Público significava aberto à observação de qualquer pessoa, enquanto privado significava uma região protegida da vida, definida pela família e amigos” (SENNETT, 1988, p. 30).

Parece-nos que o autor salienta que houve um esvaziamento do espaço público na sociedade contemporânea, fundada principalmente na intimidade, na privacidade e no retraimento. Portanto, sendo estes “resultantes de uma mudança que começou com a queda do Antigo Regime e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista” (SENNETT, 1988, p. 30).

A esse respeito, Freitas (1999) comenta que, no século XIX, inicia a elaboração de uma estratégia da aparência que parte de um sistema de convenções e ritos precisos, que de certo modo estava enredado a aparência. Para Sennett (1988), a interação do capitalismo com o espaço público caminhou em duas direções: primeiro, de afastamento do público em direção a família; segundo, o envolvimento de materiais da aparência em público, o que de certo modo causava uma contradição, entretanto se transformava em lucro.

Nesta linha de pensamento, Freitas (1999, p. 40) ressalta o surgimento da fotografia como uma estratégia da aparência destinada ao público: “a postura diante da câmera não é espontânea, ao contrário, trata-se de uma construção que busca no gesto aquele que melhor se adequa ao desejo de *status* social do indivíduo”.

No século XX, o corpo moderno assimila toda informação inserida sobre ele de toda tecnologia e de todas as formas de produzir e de produção que o capitalismo o imprime. Torna-se um corpo muito mais isolado, que se agrupa com sujeitos aos quais tem mais afinidade, formando tribos. O corpo da sociedade moderna sofre uma pequena evolução em relação ao anterior no sentido de se colocar como objeto de consumo. Em razão de interesses individuais do sujeito, ele se volta para si, colocando-se em um ser a ser também consumido. O belo é atraente e vendido nas propagandas publicitárias, influenciando na



subjetividade de quem as consome. Se antes o corpo visava ser saudável para os meios de produção, agora ele é construído para se tornar belo para desejo e divertimento e para ser consumido pelo olhar de outrem.

REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NA MÍDIA E A INFLUÊNCIA NA IMAGEM CORPORAL

Conforme já anunciado nos parágrafos anteriores, gostaríamos de salientar que, para Freitas (1999), a corporeidade se constitui no entrelaçamento entre a imagem e o esquema corporal. Partindo desse pressuposto, é importante entender que, para a autora, o esquema se configura a partir da dimensão orgânica: elementos anátomobiológicos. Dito de outra forma, Freitas (1999) considera que o esquema emerge da estrutura corporal, portanto “decorre da intensidade de inervação das mesmas (o homúnculo sensitivo, no giro pós-central, apresenta uma representação maior da mão e da cabeça, especialmente face, boca e língua)” (FREITAS, 1999, p. 21-22).

A esse respeito, Rosa Neto *et al.* (2011) afirmam que o esquema corporal seria forjado a partir do movimento, portanto uma relação direta com os aspectos orgânicos do corpo. Em outras palavras, “relaciona-se à atividade motora e revela-se pelo movimento e no movimento” (ROSA NETO *et al.*, 2011, p. 16).

Do mesmo modo, Campos *et al.* (2017), ao pesquisarem o ato do brincar no desenvolvimento infantil, especificamente em crianças de quatro anos, mencionam que o esquema corporal “constitui-se pelo reconhecimento que se tem do próprio corpo por meio da conscientização do corpo, das funções de cada parte do corpo e das possibilidades de ação com o corpo e suas partes” (CAMPOS *et al.*, 2017, p. 276).

Ao levar em consideração o exposto, gostaríamos de frisar que, apesar de concordarmos com as discussões supramencionadas, aproximamo-nos das ressalvas de Freitas (2008) ao estabelecer que ambos (esquema e imagem) estão entrelaçados, visto serem



complementares. Para Freitas (1999), não há uma dicotomia entre as duas noções, pois não são dissociadas.

Em determinado momento, a utilização do termo imagem corporal começa a entrar em pauta e as considerações a respeito de qual seria o termo correto “esquema ou imagem corporal”. Seguindo com uma predominância maior na área da neurologia, o “esquema corporal” foi o mais utilizado entre eles; já dentro da psicologia, a “imagem corporal” foi o escolhido. Por haver dois termos, existe uma confusão em cima de qual dos dois seria mais apropriado, mas alguns autores afirmam que há diferenças entre ambos.

Partindo da lógica apresentada, entendemos o ser humano de maneira indissociável, pois o esquema corporal interfere na imagem corporal e vice-versa. Como somos corpos constituídos na/da cultura em que estamos imersos — permeada por heranças ainda patriarcais que se baseiam em narrativas e imagens —, historicamente, a representação de mulher sempre buscou se metamorfosear atendendo aos padrões e estilos exigidos dela. A esse respeito, Freyre (2006) salienta que a verdade é que o discurso que constrói o tipo “físico e moral da mulher, em criatura franzina, neurótica, sensual, religiosa, romântica ou então, gorda, prática e caseira, nas sociedades patriarcais e escravocráticas”, resulta de um ajustamento aos interesses do sexo dominante (FREYRE, 2006, p. 210).

A esse respeito, Lira *et al.* (2017), ao discutirem a insatisfação das mulheres brasileiras com sua a imagem corporal, salientam que a mídia e as redes sociais vem influenciando em nossos aspectos corpóreos. O estudo aponta que a insatisfação de adolescentes que, mesmo estando adequado ao padrão estabelecido, não estavam satisfeitas com seu corpo e almejavam ter a silhueta mais fina. Do mesmo modo, as adolescentes com obesidade e/ou sobrepeso sofrem mais pressão para se encaixarem na norma, causando sofrimento e transtornos por não conseguirem atingir o objetivo proposto.

Com relação ao corpo, Lira *et al.* (2017) ainda nos revelam que essas adolescentes passavam mais tempo em redes sociais nas quais seguiam tipos de corpos que



consideravam ideais ao mesmo passo que a maioria delas não tinha nenhum cuidado específico com relação à alimentação.

Nessa direção, outro estudo que nos permite inferir sobre a relação da mídia com a insatisfação corporal emerge das discussões de Souza *et al.* (2021). O referido estudo constatou que 70% dos entrevistados usavam a internet, principalmente, na busca de informações relacionadas à saúde e estética, superando a televisão que ficou em segundo lugar com 24%. O estudo ainda afirma que as mulheres com idade igual ou inferior a 20 anos são as que sofrem mais de transtornos alimentares, utilização de dietas e baixa autoestima.

Outro estudo que apresenta a influência da mídia sobre o corpo foi a pesquisa de Rowe, Ferreira e Hoch (2012). O trabalho apresenta as entrevistas de mulheres que passaram por procedimentos estéticos em busca da satisfação com a imagem corporal. Quando questionadas se estão felizes com as mudanças feitas em seu corpo, elas falam sobre o desconforto do momento pós-cirúrgico, mas que se encontram muito bem e realizadas com a nova forma do corpo. Porém, não descartariam a possibilidade de novos procedimentos estéticos em outras regiões do corpo.

Uma consideração relevante de Rowe, Ferreira e Hoch (2012) emerge ao afirmar que a busca pelo corpo belo nunca tem fim, porque os meios de comunicação não nos permitem alcançar o corpo perfeito.

Talvez o grande objetivo dos meios de comunicação social é mostrar que os “modelos de referência exibidos” nunca poderão ser totalmente alcançados, para assim as pessoas permanecerem com o desejo de alcançar o corpo perfeito, e em um processo de repetição buscarem incansavelmente os métodos mostrados, ou seja, a mídia “cria” o problema e “apresenta” a solução, assim cresce o aumento de pessoas que utilizam os diversos métodos de modificações corporais (ROWE; FERREIRA; ROCH, 2012, p. 95).

Haja vista que a nossa concepção de corpo é formada desde a nossa infância, e que a imagem corporal é construída dinamicamente em diálogo com o ambiente no qual estamos inseridos, parece-nos que o desejo e a busca pelo corpo perfeito se tornaram parte de nosso comportamento civilizatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Com base nos dados apresentados, foi possível perceber que a estética da mulher sobre ela mesma vai ao encontro da cultura na qual está imersa. O conceito de beleza é relativo em cada grupo da sociedade, mas ela tende a um padrão mundial e é atravessada por séculos de imposições.

Os artigos pesquisados evidenciam que há uma grande prevalência de mulheres insatisfeitas com a imagem corporal e, simultaneamente, a mídia e as redes sociais influenciam significativamente sobre essa parcela da população, construindo um imaginário social do que vem a ser “*belo*”.

Esse desejo pelo padrão estético de um corpo feminino faz com que mulheres inconformadas com sua imagem corporal busquem por métodos que as façam se aproximar mais desse corpo, como a prática excessiva de exercícios físicos; aderir ao uso de procedimentos estéticos e às cirurgias plásticas; o desenvolvimento de transtornos alimentares.

Pode se notar também que as redes sociais são as que mais impactam na percepção da mulher sobre sua imagem corporal, pois o público feminino permanece significativamente presente nesse ambiente virtual, seguindo perfis que não estão próximos da sua realidade corporal, levando-as a estabelecer comparações injustas consigo mesmas.

REFERÊNCIAS

BARROS, D. D. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 547-554, ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xF33tqFH3s4MnxJDR35MwCL/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2022.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 24-34, abr. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>.

COSTA, P. H. A. da *et al.* Desatando a trama das redes assistenciais sobre drogas: uma revisão narrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 395-406, fev. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015202.20682013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/3pknv5vsfgcT3qk3Zz5hchK/?lang=pt>. Acesso: 17 set. 2022.

FREITAS, C. M. S. M. de *et al.* O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 389-



- 404, set. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000300010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/rMpVx4jWKSSJmm9zsGT6fjh/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2022.
- FREYRE, G. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal. São Paulo: Global, 2005.
- FREITAS, N. K. Esquema Corporal, Imagem Visual E Representação Do Próprio Corpo: Questões Teórico-Conceituais. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 318-324, 3 dez. 2008.
- FONSECA, I. R. *et al.* Transtornos alimentares, imagem corporal e influência da mídia em universitárias. **Revista de Enfermagem UFPE**, [s. l.], v. 14, 2020.. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.245234>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/245234>. Acesso em: 18 set. 2022.
- FONTANA, R. A. C. Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 247-255, abr. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000100015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/qbhdXhSbVbRtTbHCgspJwG/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2022.
- LIRA, A. G. *et al.* Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 3, p. 164-171, jul./set. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-208500000166>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/6NrPypcRchnc35RH9GLSYwK/?lang=pt>. ISSN 1982-0208. Acesso em: 18 set. 2022.
- OLIVIER, G. G. de F. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal e a corporeidade**. 1995. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- RODRIGUES, M. C.; ALVAREZ DE TOLEDO, J. Teoria da mente em adultos: uma revisão narrativa da literatura. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 37, n. 92, p. 139-156, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-711X2017000100011. Acesso em: 17 set. 2022.
- ROSA NETO, F. *et al.* O esquema corporal de crianças com dificuldade de aprendizagem. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 15-22, jun. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572011000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/KPQJH7wJjnxXXCZDm7Wnkpp/?lang=pt>. Acesso em: 2 set. 2022.
- ROWE, J. F.; FERREIRA, V.; HOCH, V. A. Influência da mídia e satisfação com a imagem corporal em pessoas que realizaram cirurgia plástica. **Unoesc & Ciência**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 89-98, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/706>. Acesso em: 06 out. 2022.
- RUSSO, R. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento e Percepção**, Espírito Santo de Pinhal/SP, v. 5, n. 6, p. 80-90, jan./jun. 2005. Disponível em:



<http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=39>. Acesso em: 02 out. 2022.

SAMARÃO, L. O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 8, jan./jun. 2007.

SILVA, A. L. dos S. Imperativos da beleza: corpo feminino, cultura fitness e a nova eugenia. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 32, n. 87, p. 211-222, ago. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622012000200007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/9C8grqxPHkMjt6mBZLXZn5s/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2022.

SOUZA, K. da S. *et al.* Influência da mídia sobre o corpo feminino: uma revisão sistemática. **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 385–400, 2021. DOI: 10.17564/2316-3801.2021v9n2p385-400. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/10068>. Acesso em: 8 out. 2022.

TAVARES, [M. da C. G. C. F.](#) **Imagem corporal**. Barueri: Editora Manole, 2003.